

# JOSÉ CARVALHO

---

Publicamos, a seguir, as sugestivas e admiráveis palavras proferidas pelo dr. Leonardo Mota em sessão do Instituto do Ceará, em homenagem á memoria do escritor José Carvalho, falecido na capital da Republica.

Sr. Presidente

De quantos ilustres publicistas e homens de pensamento me glorio em ter como companheiros e mestres no Instituto do Ceará, José Carvalho era, de certo, o de maiores afinidades com as minhas tendencias intellectuais. Pois que a nossa sessão de hoje deve ser piamente consagrada á sua recordação e saudade, peço a v. excia. e aos nossos doutos colegas consintam que eu também profira algumas palavras sôbre o inolvidavel consócio, arrebatado pela Morte — não faz uma semana — na metropole nacional.

Não vos trago um elogio funebre; tampouco uma análise da produção literaria daquele de quem estão orfanadas as letras do meio-norte do Brasil. Discreteando, por alguns minutos, sôbre a sua individualidade inconfundivel, tenho o só intuito de render fraterna e comovida homenagem á memória do dileto amigo, que me chamava o seu «irmão de matutices» ... A tarefa - não difficil, aliás — de fixar a posição de José Carvalho no quadro de nossos valores mentais, caberá, na ordem consuetudinaria de nossos trabalhos, a quem lhe succeder na cadeira que êle tanto honrou nesta assembléa de letras.

---

José Carvalho foi um vero didata da brasilidade; mas, acima de tudo, foi um professor de cearensismo: e não apenas na diligente e mansueta atividade

literaria, mas no terreno da combativa ação patriótica, como por ocasião da luta cruenta contra a cobiça boliviana, na disputa do território do Acre. Ele aceitava que «o regionalismo no patriotismo constitui o mais sadio dos nacionalismos, porque o amor á patria pequena é o irmão menor do amor á patria grande».

A vida nas selvas inhospitas ou no bulício das duas capitais do recuado setentrião jamais o fez olvidar o torrão cearense, e particularmente o Cariri poetico e ubertoso, onde elle vira a luz, no Crato. «Cariri Braúna» foi o seu pseudonimo na «Padaria Espiritual». Ao nome da nação indigena, a que remontava com ufania as proprias origens genealogicas, juntava elle o nome de uma árvore de cerne inamolgavel. Vale por um programa:—«Cariri Braúna»!

Tabelião, advogado, jornalista, literato e deputado estadual nas unidades federadas do extremo-norte; convivendo, portanto, nas altas esferas da política e da sociedade, nunca perdeu aquelle aspecto semi-desmazelado de autêntico sertanejo nordestino, despreocupado das futilidades da indumentaria elegante. A prosodia, o vocabulario e o boleio da frase conservava o pinturesco e o sainete de nossos peculiarissimos modos expressionais. Um inadaptavel, de nascença, a quaisquer influencias exoticas! «Cariri Braúna»!

Mesmo ultimamente, transplantado para o Distrito Federal, não o fascinou o turbilhão carioca. Achava estúpido e enervante aquelle tumulto cosmopolita, e vivia nostálgico da placidez provinciana. A universalmente celebrada beleza da Guanabara não valia para elle um panorama que se descortine do alto da chapada do Araripe.

Nesse sentido, Teodoro Cabral nos enviou do Rio graciosas crônicas para a «Gazeta de Noticias». Pobre José Carvalho! Quando «Polibio» o descreveu irritado numa espreguiçadeira e encafuado num quarto de pensão, fugindo á vida trepidante das avenidas e da Rua do Ouvidor, caminhando quasi que exclusivamente da hospedaria para o modesto emprego, não suspeitava que já a Morte sinistramente rondasse os passos do velho lutador...

Mas, apesar de arredo das evidências e enclau-

surado nos seus desgostos intimos, o exilado não deixou de aproximar-se dos nomes vanguardeiros de nosso instante cultural. O preclaro sociologo que é o sr. Oliveira Viana deu-lhe mostras de enaltecendor estima. O eminente crítico, o perigoso e temido Agripino Grieco, que não tem o mau vezo de malbaratar elogios, assim se lhe referiu, em longo e interessantissimo estudo:

—«Bons documentos sôbre a psicologia dos nor-tistas nos são fornecidos por um homem sagaz e despretencioso, o sr. José Carvalho, autor do livro «O matuto cearense e o cabloco do Pará». Esse arguto colecionador de dados para estudos de folclo-re, apesar de ter vivido longos anos no Pará e de se haver ultimamente transportado á capital do País, não perdeu o contacto sentimental com a sua região e o seu povo, especialmente não perdeu o dom de aplicar ferretoadas no proximo, como todos os que nasceram nas paragens de Alencar e Domingos Olimpio. E' primo da romancista Raquel de Queiroz, e sua conversa pulula de expressões e observações saborosissimas. O sr. José Carvalho não se atormenta em absoluto com a preocupação da frase perfeita, e vai contando tudo como se narrasse pessoalmente os seus «casos», com aquela face glabra de tabelião de comedia e uma vivacidade paradoxal sobre a ameaça de declinio dos indesejaveis cabelos brancos.»—

Aí tivestes. A' argucia da penetração psicologica de Agripino Grieco não escapou que nenhuma solução de continuidade o expatriamento exercia no «contacto sentimental» de José Carvalho «com a sua região e o seu povo».

Eu quisera que o visseis na cidade guajarina, solícito «consul» de quanto cearense demandasse as plagas da Amazonia... Quando da chegada, ali, dos pescadores de Aracatí que empreenderam afoito *raid*, êle esqueceu o tabelionato, esqueceu a familia, esqueceu tudo, para não deixar um instante os valentes jangadeiros coestadanos, orgulhoso de também, como êles, haver nascido sob o mesmo céu da terra legendaria e martir. Não recuon, sequer, ante o supremo sacrificio de, com todo o seu jeitão desajeitado de tribuno, fazer uma conferência no suntuoso

«Teatro da Paz», em honra de nossos denodados e humildes compatriotas.

Os poetas que êle mais amava eram Catulo da Paixão Cearense e Juvenal Galeno, exatamente por serem os rapsodos mais apaixonados da alma do seu povo. Com o primeiro, porém, fazia motivadas restrições, tanto que numa poesia laudatoria, escrita em linguajar matuto, destarte o farpeou:

Somente, Catulo, em tú  
O que eu acho muito forte  
E' muitos termos do Sú  
Tú dizê que é cá do Norte...

Juvenal Galeno, êsse, sim, lhe empolgava a veneração. Quando aquí, em Fortaleza, se cogitou de apurar quem merecia ser aclamado «Príncipe dos Poetas Cearenses», êle estranhou e protestou de longe contra semelhante eleição: não compreendia, não admitia que no Ceará se falasse noutro poeta, estando vivo o Béranger das «Lendas e Canções».

Vêde os livros que José Carvalho nos legou: a sua estréia como publicista foi em 1897, com os «Perfis Sertanejos», páginas vivazes da nossa vida campestre; em 1903, deu-nos a monografia «Pero Coelho», comemorativa do tricentenário do descobrimento do Ceará; no ano imediato, cronicou minuciosamente «A primeira insurreição acreana», da qual participara com um pugilo de cearenses intrepidos; segue-se um longo período em que a sua atividade mental apenas em jornais e revistas se exercitou, até que chegamos a 1917, quando surge o seu drama, em verso, «Dona Barbara», e a 1930, ano em que aparece o mais alentado e quicá o mais valioso dos seus trabalhos, «O matuto cearense e o caboclo do Pará». Como se está a perceber, só lhe mereciam os cuidados da intelligencia assuntos que condissessem com a gleba de seu berço: a história do Ceará e nossa pouco estudada demo-psicologia. Historiador, folclorista, poeta, homem de ação, sob qualquer ponto de vista por que se lhe encare a personalidade, José Carvalho avulta como um claro, puro e erguido paradigma de patriota, fiel e incorruptível servidor da terra martirizada pela pobreza e glorificada pelo

Insistamos. Nos escritos de José Carvalho são observáveis o carinho com que êle se refere aos diferentes tipos populares, e a sua enternecida admiração pela resistência física do «seringueiro», pela destreza extraordinária do «vaqueiro», pela audácia do «jangadeiro», pelo talento do «cantador». As historietas que conta a respeito do caboclo brasileiro são narrativas que testificam a vivacidade da desaproveitada intelligencia de nosso mestiço, muito ao contrário das inventivas derrotistas de gabinete, que autorizam a suspeita na existencia real de «Jeca-Tatú».

Do longinquo Pará, José Carvalho endereçou cartas-circulares a pessoas de todos os municipios do sul cearense, exortando as mesmas a que lhe remetessem subsidios da tradição oral, para que êle pudesse reconstituir a figura do célebre cantador cratense que foi José de Matos. E isso fazia quando, bem instalado na vida, fruía os proventos de um officio de justiça. Esquecia os interêsses materiais pelo gôzo espiritual das investigações que eram a sua paixão. José Carvalho foi empurrado para o ramerrão prosaico das lides tabelioas, mas o seu radioso espirito sempre se alou por sôbre a chatice dos aridos deveres funcionais. E o escrivão, «doublé» de escritor, rabiscava um artigo ou filigranava uma estrofe no intervalo de dois traslados de escritura, alinhava trovas e estilizava anedotas, quando lhe davam treguas os soporíferos reconhecimentos de firmas. Na pasta bojuda, os sisudos instrumentos de procuração se acotovelavam com as rimas delicadas...

Poeta de invulgar merecimento, mas tradicionalista imperturbavel, José Carvalho não se deixou tentar pelos ritmos novos do modernismo. Nas minhas frequentes viagens ao Pará, alicerçou-se a minha intimidade com o chorado conterraneo. E, ali, quer quando ia atrapalhar no cartorio a sua faina de tabelião, quer quando palestravamos no sossêgo do seu lar, vezes muitas pude capacitar-me de que as musas correspondiam aos amores que o nosso patriocio lhes votava.

Quero acreditar que o seu genero favorito fôsse a quadrinha, em estilo popularesco, de versos setisilabicos. Vêde como êle trovava:

Êste nome de José  
Só me botaram na pia  
(Isto é artigo de fé!)  
Por tua causa, Maria...

Sabia bem comparar  
Quem teve tal pensamento:  
Que a mulher é como o mar...  
Como as ondas... como o vento...

Quando no baile disparas  
Nessas danças sensuais,  
Eu só olho para as caras  
Com que te olham teus pais...

O baile é todo teu gôzo,  
E só no tango és feliz:  
Depois, o teu pai, meloso,  
Vai se queixar ao Juiz...

Um sonho deu-me um conselho  
E despertei a sorrir:  
Que eu me fizesse o espelho  
Do teu quarto de dormir...

O coração da matuta  
Bem pode se comparar  
Com a simpleza da fruta  
Pendente do seu pomar.

Da modestia a graça é tanta,  
Que basta só um exemplo:  
E' ver-se como uma santa  
Vive modesta num templo.

Nesse capitoso feixe de versinhos, despidos dos arrebiques do artificialismo palavroso e campanudo, palpita, sincera e franca, a alma buliçosa, mas boníssima, de José Carvalho. Não vos terá passado despercebida a singeleza do seu poetar. Devoto da simplicidade, êle bem podia repetir com aquele encantador vate mineiro, que é Djalma Andrade:

Escrevo pro povo simples,  
Para me ler todo mundo:  
Eu nunca turvei minha agua,  
Para fingir ser profundo...

Penso que foi Coelho Neto quem distinguiu haver a «simplicidade-pobreza» e a «simplicidade-distinção». Esta última era a do confrade que perdemos e choramos. Como é difícil saber ser simples! Difícil e belo. O bardo lusitano sr. Silva Tavares enuncia isso numa quadra sonora:

Papoilas que o vento agita,  
Não me canso de vos ver:  
Não há coisa mais bonita  
Que ser simples sem saber!

Mesmo alçando o plectro, recorrendo ao soneto, por exemplo, José Carvalho não se socorria do alexandrino senhorial, mas bombastico, erizado de exigencias metricas. Gostava mais do decassilabo cantante:

Êste inverno foi bom. Choveu bastante.  
Há fartura e há paz pelo sertão,  
Rios a transbordar, pasto abundante  
E planicies de neve de algodão...

Carne sêca, cheirosa e provocante,  
Muita farinha, arroz, milho, feijão...  
Só a terra da Biblia é semelhante,  
Tendo rios de mel, de leite e pão.

Tudo no solo abençoado medra!  
Há mais grãos no celeiro do que pedra  
Derramada a granel nos taboleiros...

E pela estrada passa, todo dia,  
Entre sons de chocalho e vozeria,  
O ruidoso tropel dos comboieiros.

Tentei cantar aqui saudosamente  
As belezas natais de minha terra,  
O valor e a virtude dessa gente  
Contra a qual o destino abriu em guerra.

Mas, se chove, meu Deus, quanta semente  
A brotar pelo vale e pela serra!  
Quanta planície azul e viridente,  
E quanta paz a vida toda encerra!

Desde a praia ao sertão, que doce festa,  
Que belos quadros ricos e diversos,  
Como de amor a terra vive cheia!

Mas nem toda a saudade que me resta  
Pude, afinal, dizer nestes meus versos,  
Tão mal sentidos pela terra alheia!

José Carvalho, não obstante haver deixado esparsa em revistas de letras e periodicos efemerose copiosa nesse poetica, jamais compendiou seus versos. Dou, entretanto, meu testemunho de como êle versejava com apreciavel agilidade. Figurava entre seus propositos versificar todo o anedotario que figura em livros de minha autoria. Não fôsse a melancolia desta hora, eu vos daria amostras da espontaneidade de sua musa brejeira e divertida...

As pesquisas folcloricas de José Carvalho tiveram início quando êle, com Antonio Sales, inseria em «O Pão», órgão da «Padaria Espiritual», numerosas quadrinhas da musa anonima e plebéa, as quais, desde então, começaram a ser aproveitadas em obras sobre a poesia popular do Brasil.

Êle reivindicava para si a glória de ter sido quem primeiro deu publicidade a esta quadra dum violeiro caririense:

Se eu fôsse podre de rico,  
Eu não morava no mato:  
Morava mais a Lorinda  
Dentro das ruas do Crato.

Mas êle não mencionou quais os folcloristas que reeditaram os versos precitados, nem nos disse da epoca em que os lançou á consagração livresca.

Tive a pachorra de elucidar o assunto e posso aqui afirmar que a reivindicação de José Carvalho nada tem de impertinente. A quadra em aprêço êle a estampou em «O Pão» de 31 de Outubro de 1896. Quem primeiro a repetiu foi Rodrigues de Carvalho, em 1903, na primeira edição do hoje popularissimo «Cancioneiro do Norte». Seguiram-se-lhe: em 1916, Carlos Góis, sob o n. 922 das «Mil Quadras», e, em 1919, Afranio Peixoto, sob o n. 146 das «Trovas Brasileiras».

Como ficaria contente o José Carvalho, se estivesse nesta sala, ouvindo-me arrazoar o que êle pleiteara, alegando, mas não provando! O menos que aconteceria havia de ser uma investida sua á caixa de rapé, pois «tabaquear o caso» era muito dos seus habitos, toda vez que se sentia «de peito lavado». E o indefectivel lenço de ganga lhe espararia as narinas confortadas...

Em «O matuto cearense e o caboclo do Pará», êle giza com maestria as profundas diferenciações entre os dois tipos, oriundas de causas de origem vária, como sejam a diversidade climatica e os cruzamentos racicos, «abundantes no Nordeste», quasi nulos na Amazonia, tudo isso para mostrar que, em razão de fatores mesologicos e etnograficos, sendo mais complexa a alma do sertanejo nordestino («audaz, atrevido, falador») e mais simples a do caboclo nordestista («frio, suspicaz, discreto»), mais variado e mais abundante do que o amazonico tem de ser o folclore cearense. Em abono da assertiva, enfileira varios reparos curiosos, escapos a outros estudiosos da alma popular e que constituem indice irrecusavel da capacidade e segurança de sua personalissima observação.

Só no ano passado, quando pretendeu fixar residência em nosso meio, José Carvalho começou a pertencer ao elenco de socios efetivos do Instituto. Mas, na categoria de correspondente, era como se perenemente o tivessemos conosco: ninguém o excedia no desvêlo com que acompanhava nossos trabalhos, nem na assiduidade com que colaborava em nossa revista.

Mesmo que o não tivéssemos, de há muito, nosso correspondente, êle não deixaria de se corresponder com a nossa sociedade, que êsse era o modo por que iludia seu coração de exilado: dirigindo missivas a meio mundo no Ceará. Sem nenhuma irreverencia, asseguro que foi êle o mais renitente dos epistológrafos que hei conhecido...

José Carvalho dava solene cavaco com quem lhe não respondia ás cartas. Gostava de resmungar, ao modo de certo Calino da roça:—«Diabo, diz que não recebeu, mas responde, diabo!»

A um sertanejo cearense, recém-chegado a Belém, êle se queixou:—«Aquela gente do Ceará não responde carta de ninguém...»

E o matuto, sorrindo, ironico, apercebido da degradingolada política regional:

—«Responde não. Não tem tempo...»

—«Não tem tempo? Mas por que?»

—«Está tudo ocupado em descompor o Moreirinha.»

Estou convencido de que fui dos ultimos a contribuir para o agastamento de José Corvalho nesse particular. Logo ao chegar ao Rio, êle me enviou uma carta gentil, mandando-me seu enderêço e mais um número do mensario «Boletim de Ariel», em o qual o notavel escritor Antonio Tôrres fazia desvanecedoras referencias a meu nome obscuro.

Uma coisa e outra, êste meu viver que, vez por outra, se desmetodiza, nem sempre por inteira culpa minha, o certo é que eu... moita! não respondi á carta do meu querido amigo. Ninguém me tira da cabeça que isso o molestou deveras. Assim é que, pouco depois, Agripino Grieco firmava honroso estudo sôbre nós dois, intitulado «De Leonardo Mota a José Carvalho», mas disso não tive conhecimento senão por uma transcrição, aqui feita pelo «Correio do Ceará». Ora, muito mais natural era a remessa do artigo de Agripino que o envio do de Tôrres. José Carvalho não perdoara, porém, o meu silêncio... E pensar que quem negligenciara entreter êsse colloquio epistolar era o seu «irmão de matutices», que, havia poucos meses, tanto com êle se carteara, alfinetando-se ambos camaradescamente pelas colunas da imprensa local...

Uma das feições mestras do carater do pranteado polígrafo era a sinceridade, não raro rude, com que em defesa de suas convicções polemizava. Empenhou-se em asperas refregas jornalísticas, em tórno de questões políticas e religiosas, patenteando de sobrejo seu destemor de panfletario.

Quem o visse no aceso das controversias julgá-lo-ia erradamente um incitado ou rancoroso. Nele, contudo, qual o diria Euclides da Cunha, o odio era uma fôrma heróica da bondade.

A revolução outubrina despojou-o do cargo vitalicio que êle exercia no Pará, mas o demissionado não engoliu cabisbaixo a picardia. Apenas se viu a salvo de seus desafetos, rompeu contra os primeiros dominadores da situação paraense as baterias duma crítica mordaz. Êsses artigos, vindo a lume nesta capital, foram enfeixados em folheto e provam a honradez com que o justicado se houvera no exercicio de suas funções e a consequente iniquidade de sua exoneração.

Acabado o ajuste de contas, José Carvalho se deixou ficar em Fortaleza, vivendo pobremente em casa de uma irmã, mas, como sempre, sobranceiro, digno, vertical e viril na grandeza do seu infortunio.

Desencantado, desalentado, havendo aprendido, por dolorosa experiencia, que «a vida social não passa dum equilibrio de maldades reciprocas», tinha ganas de volver á paz primitiva dos reconditos sertões, fugindo definitivamente á ingratidão e perversidade dos homens. Chegou a expressar êsse desêjo numa carta, em versos, á jovem e vitoriosa romancista d'O QUINZE:

Eu lhe confesso, Raquel,  
Êste ideal me sacode:  
Ser, no sertão, «coronel»  
E viver criando bode...

. . . . .

Eu, fazendeiro de bode,  
Gritarei por minha vez:  
—Comigo é que ninguém pode  
Nem sêca, nem Juarez!

Mas o Ceará não podia ser insensível á odisséa do filho benemerito, incrivelmente proscrito no torrão nativo. Deram-lhe um emprêgo. O destino, porém, como que se comprazia em torturar o resto daquela existencia tão nobremente vivida. Não tardou que nova demissão o surpreendesse. E' que não só o coração, conforme o queria Pascal, mas também a política tem razões que a Razão não conhece... Bem podia José Carvalho pôr em sua boca o dorido queixume do poeta:

«Do bem que sempre fiz nunca senti o aprêço,  
«Do mal que nunca fiz soíro a condenação!»

Nada importavam quarenta anos, quasi meio século, de relevantes serviços ao Ceará e aos cearenses... Razão por que, mais que o primeiro, o novo golpe o feriu e quasi o desnorteou. Com a saúde já comprometida, forçado, quando sexagenario alquebrado, a viver, pela primeira vez, separado da familia, ralado de decepções atrozes, amargurado, angustiado, José Carvalho tomou uma resolução extrema: julgou-se escorraçado e, qual se fôra um criminoso, abalou para bem longe, bem distante da terra madrastra. Ao dobrar o Mucuripe, estrangulando soluços, debruçado na amurada do navio e com os olhos marejados postos na branquidão das dunas e no verde das franças do coqueiral, monologou, talvez, como Publio Cipião:—INGRATA PATRIA, NON POSSIDEBIS OSSA MEA!

E foi: mais propriamente foi-se! Não recebeu em andrajosa miserabilidade o beijo da Morte, porque no crepusculo de seus dias teve a seu lado a dedicação misericordiosa de Fernandes Tavora, seu condiscipulo e seu melhor amigo.

Comece para José Carvalho a justiça da História! Ele passou pela política, onde poderia ter amealhado fortuna. Entretanto, morreu pauperrimo, fazendo inteiro jús a que isso se grave na lousa de seu tumulo - o que Vitor Hugo considerava para um homem público o mais glorioso dos epitafios.

Não repousa no seio da nossa terra o grande

batalhador incompreendido; mas no coração dos seus companheiros do Instituto o nome de José Carvalho por todo o sempre viverá, turiferado por nossa veneração e docemente alumiado pela chama votiva de nossa saudade.

